

A COMPREENSÃO DE PALHAÇOS-VOLUNTÁRIOS ACERCA DO SEU TRABALHO COM PACIENTES HOSPITALIZADOS

Suellen Pereira Marafigo de Souza¹

Resumo: O trabalho de palhaços nos hospitais é uma atividade que usa a arte, a brincadeira e o improviso como uma ferramenta lúdica para levar alegria e entretenimento, mas que também pode ser usada para fins terapêuticos. Diante dessa circunstância, esta pesquisa teve como objetivo geral analisar a compreensão de palhaços-voluntários sobre sua atuação com pacientes de hospitais gerais. Como objetivos específicos, foi possível verificar a motivação dos palhaços-voluntários no ingresso e permanência neste trabalho, assim como caracterizar as atividades desenvolvidas por eles nos hospitais; identificar como esta atuação afeta a saúde emocional dos palhaços-voluntários; discutir as estratégias utilizadas pelos entrevistados para lidar com os próprios sentimentos em relação aos pacientes muito debilitados, pacientes terminais e à morte dos pacientes; e identificar qual é o impacto que palhaçaria tem para com os paciente, na ótica dos próprios palhaços. Como método, essa pesquisa está classificada como natureza qualitativa, com objetivo exploratório e delineada como estudo de caso. Ao todo, foram entrevistadas três pessoas que atuam como palhaços, dois deles há mais de dez anos e outra há três anos. Os resultados indicaram que o improviso e a criatividade durante as visitas aos hospitais é a base importante da atuação da palhaçaria, assim como o vínculo com os pacientes pode ser, tanto um facilitador como também um dificultador para os próprios palhaços durante a sua atuação. Conclui-se, portanto, que para todos os três entrevistados, a palhaçaria é para eles uma atividade que proporciona alívio e bem-estar ao outro através da escuta atenta e do olhar humanizado às pessoas atendidas, focando no sujeito que está presente, nas suas potencialidades e não na sua enfermidade, possibilitando uma maior aproximação com o paciente, como também, proporcionando algo diferente da rotina do hospital.

Palavras-chave: Palhaçaria. Palhaçoterapia. Trabalho voluntário.

¹ Acadêmica do curso de Psicologia da Universidade do Sul de Santa Catarina – Unisul. E-mail: marafigosuellen@gmail.com. Artigo apresentado como requisito parcial para a conclusão do curso de Graduação em Psicologia da Unisul. 2022.
Orientador: Prof. Vanderlei Brasil, Esp.

1 INTRODUÇÃO

Os tratamentos hospitalares tradicionais para o cuidado de pessoas internadas têm como objetivo tratar os aspectos de ordem orgânica e biológicas do sujeito, porém a internação pode ser encarada por alguns pacientes como um processo muito difícil, doloroso e desgastante, podendo até mesmo, ser um fator desencadeante de diferentes sintomas, inclusive de natureza psicológica, como ansiedade e depressão, por exemplo. A ocorrência e permanência destes sintomas podem ainda influenciar o processo de tratamento, evolução e/ou cura da doença (TRAVESSO-YEPEZ, 2001).

Desta forma, o trabalho da equipe interdisciplinar tem um papel importante no tratamento de pacientes internados, pois conta com profissionais de diversas áreas que atuam em conjunto, cada uma com sua especialidade, dando o suporte e o cuidado necessário para o paciente que possa apresentar alguma demanda específica. Porém, não é apenas o paciente que é afetado por dúvidas e inseguranças, o relacionamento e o funcionamento familiar também são abalados com o diagnóstico e a internação, assim como as pessoas do círculo social, que também se solidarizam com o atual momento e com a gravidade do estado de saúde do paciente. Nesse sentido, Teston et al. (2018), salienta a importância do papel dessa rede de apoio na adesão do paciente ao tratamento e à internação, prestando auxílio nos cuidados diários, oferecendo apoio emocional, como também um sentimento de segurança e solidariedade. O trabalho da Psicologia surge nesse cenário como um aliado na trajetória hospitalar, seja no decurso da internação, tratamento e/ou alta do paciente. Neste sentido, o papel da Psicologia nos hospitais, de forma geral, é contribuir para o bem-estar do indivíduo, dos familiares e dos seus acompanhantes, reduzindo o sofrimento gerado pela hospitalização e proporcionando uma experiência mais confortável (OLIVEIRA, 2011).

Aliado aos tratamentos tradicionais e ao trabalho da equipe multiprofissional, atualmente, existem diversas terapias que tratam o sujeito por um outro viés, olhando para ele como um ser biopsicossocial, desta forma, tratando não apenas o aspecto físico, mas também a saúde emocional e as relações interpessoais, distanciando-se da lógica hospitalar e, consequentemente, ajudando esse paciente a lidar com a situação na qual ele se encontra. A palhaçaria, portanto, constitui-se nesta esfera de cuidados como uma prática alternativa e com uma abordagem diferente que vai auxiliar no tratamento, trazendo o lúdico e a brincadeira para o ambiente hospitalar, ou seja, partindo do princípio de que a saúde física e emocional do paciente pode ser tratada com o uso de medicamentos, mas também pode ser feita através do riso. De acordo com León (2005), o estado de felicidade tem efeitos benéficos ao corpo,

trazendo uma melhora no sistema cardiovascular, pois essa reação ativa a circulação do sangue, melhora a oxigenação do organismo e produz substâncias analgésicas para o controle da dor, como também proporciona ao paciente, naquele momento de descontração e brincadeiras, um distanciamento da doença e dos sintomas no qual está acometido, trazendo alegria, risos e, conseqüentemente, tendo efeitos positivos em relação à ansiedade, estresse e percepção da dor, por exemplo (CATAPAN; OLIVEIRA; ROTTA, 2019).

Frente ao exposto, ao serem apresentados os possíveis efeitos da palhaçoterapia à vida e à saúde emocional/social de pacientes internados, o presente trabalho se propõe a apresentar e discutir a importância da palhaçoterapia para com os pacientes, como também analisar a compreensão dos atores sobre a prática. Portanto, a palhaçoterapia mostra-se como um aliado no tratamento médico, auxiliando no enfrentamento de doenças e suas implicações, pois o riso, a brincadeira e o humor “provocam inúmeros efeitos colaterais no corpo, melhorando o estado emocional e orgânico de qualquer pessoa” (LEÓN, 2005, p. 12), principalmente diante do ambiente hospitalar, que apresenta diferentes doenças, podendo apresentar inúmeras conseqüências à saúde, além de causar ansiedade e receios em muitos pacientes.

Como já mencionado, a prática dos palhaços nos hospitais gerais tem como objetivo, portanto, proporcionar aos pacientes a saúde em seu sentido ampliado, melhorando a qualidade de vida e bem-estar durante o seu período de tratamento no hospital. Desta forma, o trabalho dos palhaços mostra-se como uma ferramenta importante no tratamento dos pacientes, porém é fundamental conhecer as demandas para esta prática e também as possíveis conseqüências desta atuação para os próprios palhaços. Ou seja, é necessário olhar além da fantasia e perceber que por trás de toda vestimenta que caracteriza o palhaço, há um indivíduo com emoções, suscetíveis ao esgotamento emocional e adoecimento (MONIZ e ARAÚJO, 2006). Portanto, esta pesquisa tem como objetivo geral analisar a compreensão de palhaços-voluntários sobre sua atuação profissional com pacientes de hospitais gerais. Tendo conhecimento dessas percepções é possível compreender os aspectos favoráveis e desfavoráveis desta atuação, e conseqüentemente, buscar iniciativas que possam facilitar e ajudar tanto na atuação, quanto na saúde emocional dos palhaços. Desta forma, esta presente pesquisa tem como objetivos específicos: apontar a motivação dos palhaços no ingresso e permanência em suas atividades no ambiente hospitalar; caracterizar as atividades desenvolvidas pelos palhaços com os pacientes; identificar como a atuação no ambiente hospitalar afeta a saúde emocional dos palhaços; discutir as estratégias utilizadas pelos entrevistados para lidar com os próprios sentimentos em relação aos pacientes muito debilitados, pacientes terminais e à morte dos

pacientes; e identificar qual é o impacto que a palhaçaria tem para com os paciente, na ótica dos próprios palhaços;

2. SOBRE A PALHAÇOTERAPIA

A palhaçoterapia se constitui como atividade recreativa e que utiliza técnicas derivadas da arte circense para fins terapêuticos (CATAPAN; OLIVEIRA; ROTTA, 2019). É realizada por palhaços treinados que usam a técnica do improviso em diversos locais, como hospitais, casas de acolhimento, lar de idosos entre outros. Essa prática tem como finalidade levar alegria às pessoas, promover tanto o bem-estar físico, quanto o bem-estar emocional e social, além de proporcionar um cuidado humanizado e uma melhor qualidade de vida para os sujeitos em situações vulneráveis e de muito sofrimento (ARAÚJO e GUIMARÃES, 2009). De acordo com Catapan, Oliveira e Rotta: “Seu foco são as necessidades subjetivas dos pacientes, as quais direcionam a dinâmica e o improviso das interações realizadas pelos palhaços, em sua maioria não expressas nas queixas ou prontuários médicos” (CATAPAN; OLIVEIRA; ROTTA, 2019, p. 3418).

É uma prática que humaniza o atendimento hospitalar, não apenas para o paciente, mas também contribui para o bom relacionamento entre a equipe multiprofissional, os familiares e as pessoas ao entorno, pois reduz a tensão que o ambiente hospitalar provoca, como também, contribui para a afetividade e comunicação das relações sociais, o cuidado com o outro, além disso cria laços e promove confiança, pois “a presença do palhaço permite transformar o ambiente hospitalar em um local mais acolhedor e menos hostil” (OFIR et al., 2016 apud ANTONELI et al., 2019, p. 4).

Não se sabe ao certo quando a palhaçoterapia começou, porém estudos mostram que na Grécia antiga havia um hospital, chamado de Santuário do Deus Asclépio, que utilizava a alegria, a piada, a dança e o bom-humor para o tratamento e recuperação de pacientes (LÉON, 2005). Há também relatos de experiências envolvendo a palhaçaria em uma enfermaria de um hospital em Londres, no ano de 1908 (TAN JÚNIOR AK, 2014 apud CATAPAN; OLIVEIRA; ROTTA, 2019).

Esta prática terapêutica que usa o riso como ferramenta ficou conhecida mundialmente através do filme “Patch Adams: O amor é contagioso”, que conta a história de vida do médico Dr. Hunter Adams, mais conhecido como Patch Adams, e da sua atuação em hospitais usando o bom-humor, a improvisação, o carinho e o amor como componentes importantes no

tratamento de pacientes e mostrando que a prática humanizada tem um efeito benéfico e uma melhora nos quadros clínicos dos pacientes. Em uma das cenas do filme, Patch estava caminhando pelo corredor do hospital quando olha pelo vidrilho da porta de um dos leitos e vê várias crianças internadas para tratamento de câncer, então ele entra na sala e usa os materiais médicos que estão disponíveis na sala como fantasia de palhaço para animar as crianças, que passam de uma feição triste para um rosto cheio de risadas e divertimento. Foi o Dr. Patch Adams que fundou o Instituto Gesundheit, “o primeiro hospital a unir todas as formas de terapias, onde os médicos se vestem de palhaços e tratam todos os pacientes como membros da família”, sendo este um modelo de tratamento e uma referência para várias pessoas pelo mundo (LÉON, 2005, p. 29, 30).

Já a prática no Brasil começou a se disseminar em 1991, quando Wellington Nogueira, que é ator, palhaço e fundador da ONG Doutores da Alegria - uma organização da sociedade civil sem fins lucrativos - deu início aos trabalhos voluntários em hospitais a partir de sua experiência e estudos na Academia Americana de Teatro Dramático e Musical de Nova Iorque, nos Estados Unidos. Foi nesta escola que ele conheceu o trabalho do ator e palhaço Michael Christensen, fundador do Big Apple Circus Clown Care, que também faz trabalhos de palhaçaria com crianças hospitalizadas (CASSEF, 2017; DOUTORES DA ALEGRIA, 2019). A Organização Doutores da Alegria intervém para a promoção da saúde e alegria de crianças, adolescentes e adultos em hospitais públicos, que se encontram em situação de vulnerabilidade e risco social. O serviço prestado pela ONG nos hospitais é gratuito, mantida com doações de pessoas e empresas, porém a ação dos palhaços é artística, desta forma não voluntária, ou seja, a Organização contrata “profissionais formados em Artes Cênicas e com experiência na linguagem do palhaço”, com o intuito de valorizar o trabalho profissional e gerar conhecimento através das palestras e capacitações feitas pelos Doutores da Alegria. (DOUTORES DA ALEGRIA, 2019).

2.1 O TRABALHO VOLUNTÁRIO E SUAS CARACTERÍSTICAS

Existem diversas formas para trabalho do palhaçoterapeuta ser realizado. Como visto na ONG Doutores da Alegria, o trabalho prestado às instituições é gratuito, mas não é um

trabalho voluntário. Por outro lado, existem outros grupos que oferecem a prática da palhaçaria aos hospitais de forma gratuita e voluntária².

O trabalho voluntário se constitui, portanto, como uma atividade exercida por alguém ou por um grupo de pessoas de forma não remunerada, seja em instituições públicas ou privadas ou sem fins lucrativos. O intuito do trabalho voluntário é ofertar e investir seu tempo em projetos cívicos, culturais, educacionais, científicos, recreativos ou de assistência social, com o objetivo de beneficiar outras pessoas e podendo ser visto, para quem pratica, como um exercício de realização e “ganhos” pessoais, valorização e reconhecimento social, promoção da saúde das pessoas atendidas, superação de questões emocionais e religiosas, entre outras; mas, a que é mais comumente apresentada é a realização pessoal, senso de utilidade e realização de trabalho socialmente valorizado (MONIZ e ARAÚJO, 2006; SOUZA e LAUTERT, 2008). E de acordo com Fernandes e Reis Mourão (2012), o voluntariado tem um simbolismo e uma retribuição para quem o pratica, pois ao fazer algo para o outro, estar-se-á beneficiando e ajudando a si mesmo, livrando-se de “fantasmas” do egoísmo, do orgulho e da vaidade.

Como visto, essa atividade voluntária pode trazer efeitos para o sujeito que o pratica, entretanto, esta prestação de serviço também tem seus problemas e seu lado negativo. Os resultados do estudo de Moniz e Araujo (2006), mostraram escores baixos para exaustão emocional na atuação dos palhaços voluntários em hospitais, porém foi possível verificar sentimentos e situações desagradáveis que esse trabalho pode gerar, como conflitos com as instituições e profissionais da saúde, assim como dificuldade em conciliar vida pessoal e trabalho e algumas relações dificultosas com pacientes.

2.2 PARA ALÉM DOS PICADEIROS: O PALHAÇO NO AMBIENTE HOSPITALAR

O ambiente hospitalar, por si só, pode ser encarado por muitas pessoas como um lugar gerador de angústias e que remete ao sofrimento. Muitas vezes, o paciente hospitalar pode se deparar com algumas dificuldades, principalmente quando há necessidade de internação pois, além de ter que enfrentar o estresse de estar nesse ambiente desconhecido, com tratamentos/medicamentos invasivos e suas reações, o paciente também é atravessado por outras questões, como por exemplo o afastamento dos familiares, da sua rotina, as privações

² Cabe ressaltar aqui, que o intuito deste trabalho não é julgar qual prática da palhaçaria é a melhor, se é o voluntário ou o remunerado, mas sim apresentar ao leitor que existem estas duas práticas, que levam alegria e bem-estar físico e mental para pessoas hospitalizadas, bem como seus acompanhantes e profissionais da saúde.

que são normas do hospital, entre outras (CAIRES e COLS, 2014). Ou seja, a hospitalização ocasiona um rompimento do sujeito com os outros aspectos do seu cotidiano, no qual a doença e o seu tratamento passam a ter destaque nesse momento da vida do paciente. E, de acordo com Caires e cols (2014), todos esses desconfortos que o paciente enfrenta podem se tornar um empecilho para uma boa recuperação e, conseqüentemente, ampliar o tempo de internação.

Quando o tratamento é com crianças, os efeitos da internação são ainda mais dolorosos, pois eles se veem em um local estranho, longe dos amigos, dos pais e privados de brincadeiras. Uma das principais atividades da criança é brincar, faz parte do seu desenvolvimento atividades que estimulem a atividade física, motora e intelectual, porém quando há uma hospitalização dessa criança, aspectos como estes são interrompidos, pois ela se vê em um ambiente que limita suas atividades, tendo que passar por procedimentos invasivos e dolorosos (MENEZES et al., 2007; ANTONELI et al., 2019). Além disso, a rotina de socialização com os amigos e a escola é quebrada, pois dependendo da gravidade da doença e do tempo de internação, o ambiente hospitalar e os procedimentos médicos serão a nova realidade dessa criança. Como comenta Menezes et al. (2007), todo o processo de internação, assim como o enfrentamento da doença, pode ser desencadeador de muito estresse, principalmente em pacientes infantis, pois independente da sua idade, a criança não tem a completa capacidade de compreensão da doença da qual ela está acometida e a sua capacidade cognitiva e emocional para lidar com essa nova realidade também é muito frágil e muito desgastante.

E é nesse cenário que os palhaços-voluntários atuam, buscando minimizar os impactos negativos que o ambiente e a situação hospitalar proporcionam, tornando-o um lugar mais humanizado, acolhedor e divertido. O palhaço, com suas vestimentas coloridas, jeito atrapalhado, com piadas engraçadas e cantorias, transmite leveza ao ambiente, mas sem deixar de lado as dificuldades, pois enxerga alegria e bom humor nas adversidades, além de incluir essas situações cotidianas na brincadeira como forma de extravasar toda e qualquer dor, utilizando “a paródia diante da tragédia” (SILVA et al., 2022, pg. 2450). Spitzer (2002 apud ARAÚJO; GUIMARÃES, 2009, p. 633) enfatiza que o riso, a alegria e a brincadeira desencadeiam uma série de benefícios ao paciente, pois com a diminuição do estresse, há uma liberação de endorfina, que provoca efeitos analgésicos e também estimulam o bem-estar no paciente; assim, conseqüentemente, fortalece as respostas imunológicas e reduz “as conseqüências nefastas da exposição a estímulos desagradáveis e dolorosos associados às intervenções médicas”.

Desta forma, a palhaçoterapia se mostra relevante, pois atua no aspecto emocional e lúdico dos pacientes, tirando o foco da doença, auxiliando no enfrentamento do medo e propiciando momentos de lazer em um ambiente hospitalar; como também atua para o bem-estar dos acompanhantes e da equipe médica, dando-lhes suporte emocional e acolhimento.

3 MÉTODO

Este estudo possui natureza qualitativa, desta forma, sua relevância não está na quantidade de participantes, mas sim, nos resultados obtidos através das entrevistas, nas quais foram exploradas as características e informações tidas como relevantes para o pesquisador e para o entrevistador. A classificação da pesquisa quanto ao seu objetivo foi de caráter exploratório, delimitada como estudo de casos e com corte transversal.

Quanto ao público desta pesquisa, no total, participaram três pessoas que trabalham com a arte da palhaçaria em hospitais gerais, duas do sexo feminino e um do sexo masculino. Luíza e Márcia trabalham com a palhaçaria de forma voluntária, a primeira atua há 10 anos e a segunda há 3 anos, respectivamente. Já Augusto, trabalha nesta área profissionalmente, mas já atuou de forma voluntária no início, quando conheceu a arte da palhaçaria e começou a visitar os hospitais. Ele tem experiência nessa área há 22 anos. Cabe lembrar, que os nomes utilizados para caracterizar o público-alvo são fictícios, com o intuito de preservar o anonimato e a sua privacidade. Todos os três entrevistados usam nomes artísticos para representar os palhaços nos quais se caracterizam: Augusto, como Pipo; Luíza, como Paçoca; e Márcia, como Kessy (os nomes artísticos também são fictícios).

Inicialmente, nos critérios de inclusão desta pesquisa constava: pessoas que exercessem essa atividade no Brasil; que tivessem disponibilidade para ser entrevistado virtualmente; ter idade mínima de 18 anos e que estivessem atuando de forma voluntária, no mínimo há seis meses, como palhaços em hospitais gerais. Porém, devido à dificuldade em acessar esse público exclusivamente e contatar apenas voluntários para a presente pesquisa, os critérios foram remodelados, com a inclusão de pessoas que exerceram a atividade voluntária como palhaço(a) em algum momento da sua vida, mas que atualmente trabalham exercendo essa função profissionalmente.

Quanto ao instrumento utilizado na pesquisa, a coleta de dados foi feita através de entrevistas semiestruturadas mediada por tecnologia; dessa forma, esta entrevista contou com dezenove perguntas selecionadas previamente e de acordo com os objetivos propostos, mas que proporcionou ao entrevistado a possibilidade de apresentar aspectos novos sobre o assunto em

questão, assim como a entrevistadora formular novas perguntas. Os relatos foram gravados (com a autorização dos entrevistados mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido), transcritos, categorizados e interpretados de acordo com a análise de conteúdo de Bardin. Foram elaboradas sete categorias, a saber: 1) O sentido do trabalho e o *ser palhaço* para os entrevistados; 2) a percepção dos entrevistados acerca do trabalho voluntário; 3) a motivação dos palhaços-voluntários no ingresso e permanência em suas atividades; 4) a arte da palhaçaria e suas afetações; 5) as estratégias utilizadas pelos palhaços-voluntários para lidar com os próprios sentimentos; 6) o impacto da palhaçaria na vida e/ou recuperação de pacientes na ótica dos próprios entrevistados; 7) a relação dos entrevistados com o avanço da doença e a morte de pacientes.

Considerando os aspectos éticos, esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UNISUL mediante o parecer com o número 5.720.355.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste capítulo serão apresentados os resultados encontrados nas entrevistas, assim como será feita a discussão desses resultados correlacionando com referencial teórico. Os resultados e as discussões serão apresentados em forma de itens, que foram agrupados por categorias e subcategorias, seguindo os objetivos desta pesquisa. Algumas destas categorias foram elaboradas a priori e outras a posteriori às entrevistas.

4.1 O SENTIDO DO TRABALHO E O *SER PALHAÇO* PARA OS ENTREVISTADOS

Para muitos, no senso comum, o conceito de trabalho é um conjunto de atividades exercidas por alguém em troca de remuneração, podendo ou não ter benefícios pessoais e com o propósito de sustento. Esse conceito, segundo Bernal (2010), é fruto do capitalismo, no qual para conseguir se alimentar, se vestir etc., o sujeito precisa trabalhar, tornando o trabalho algo muito importante na vida dos sujeitos, sendo para muitos, o ponto central do dia a dia e/ou da vida toda. Porém, o conceito de trabalho vai muito além da simples troca de mão de obra por remuneração, o trabalho é o exercício de uma atividade que tem uma contribuição social, como também funções benéficas para a vida do sujeito, proporcionando sentimentos positivos de bem-estar, realização pessoal, prestígio social, resgate da identidade, poder aquisitivo, interação

social, oportunidade de desenvolver habilidades e entre outros (BERNAL, 2010). Seguindo nesta lógica, para os entrevistados desta pesquisa, o *ser palhaço* ou melhor, o sentido que esse trabalho voluntário tem para os três entrevistados, vai ao encontro do autor citado anteriormente e, conforme a fala da entrevistada Luíza, “o palhaço nos permite ser quem a gente é sem julgamento”.

Para todos os entrevistados, o sentido de ser palhaço, vai muito além de proporcionar alívio e bem-estar ao outro, estar de/como palhaço é ter liberdade para ser quem é sem medo da opinião alheia e sem se esconder, ou seja, é trazer - através da palhaçaria - o que o sujeito tem de melhor, sendo ele mesmo, sem amarras, sem vergonha e demonstrando seu “Eu ampliado, o Eu do avesso”, segundo uma das entrevistadas (Luíza). E ela ainda diz que “hoje em dia se alguém me perguntar, eu não sei diferenciar a Luíza, da Paçoca [nome artístico utilizado por Luíza em seu trabalho como palhaça], elas são uma só, porque a gente não cria um personagem” (sic). A fala de Augusto reforça a fala de Luíza no sentido de que

quando a gente coloca a máscara não é que a gente se esconde, pelo contrário, a gente se revela [...] expõe a nossa persona, é um arquétipo ali. É algo que a gente vai trabalhar o consciente e o inconsciente das pessoas [...] é um lugar no qual a gente vai trabalhar várias camadas de energia, energia física, energia espiritual.

Ademais, é possível perceber nas falas dos entrevistados (Luíza, Augusto e Márcia) que *ser palhaço* vai além do benefício para o próprio voluntário, beneficia também o paciente e seus acompanhantes. Nas palavras de Luíza:

nosso papel é proporcionar algo diferente [aos pacientes] e acolher aquela pessoa no que ela precisa. [...] Quando estou de palhaça eu entro em um mundo paralelo, pois eu estou ali para proporcionar algo diferente para aquela pessoa, para que ela possa vivenciar algo que ela nunca vivenciou, eu quero mostrar para ela um local descontraído, divertido, que ela possa ser livre para chorar, ser livre para sorrir e possa ser livre para me xingar se ela quiser [...] o nosso trabalho é levar conforto ao paciente, ser uma pessoa na qual eles possam ser ouvidas e olhadas (Luíza).

Augusto acrescenta que o palhaço não está no hospital “para dar um show” (sic), o papel do palhaço ali é ouvir a partir do que o paciente e os familiares trazem. E, relacionando essas experiências com a literatura, Dunker e Thebas (2019) mencionam a arte do palhaço como a escuta através do brincar, pois a brincadeira conecta os sujeitos uns aos outros, e ainda acrescentam, “depois que a gente brinca, a gente fica amigo” (p. 37). Desta forma, o trabalho do palhaço nos hospitais vai muito além de fazer o outro rir, mas também escutar aquele sujeito de uma forma diferente e descontraída, de se conectar ao outro através do lúdico. A escuta dos palhaços nesse ambiente, portanto, é baseada nisso, em proporcionar um momento confortável para aquele paciente se expressar da sua maneira e descontrair; mas para que isso aconteça, é

necessário que o palhaço, através das suas brincadeiras, proporcione um ambiente de acolhimento e hospedagem do outro para que essa escuta seja feita (DUNKER e THEBAS, 2019). A escuta nesse sentido é diferente de uma escuta feita por um psicoterapeuta por exemplo, mas as duas, por outro lado, tem a função de criar condições favoráveis para que o paciente consiga expressar o que lhe achar conveniente, mesmo na forma de brincadeira. Márcia contribui com sua fala relatando que em muitas de suas visitas nos hospitais encontra pessoas em situação de rua e, nesses momentos não adianta o palhaço chegar cheio de coisas, cheio de roteiros e brincadeiras, pois a única coisa que eles querem é falar, segundo ela “os moradores de rua, muitas vezes não têm visitas, a visita que eles têm somos nós. Então, ele está ali louco para falar, para conversar. Ele não está ali para escutar, ele está ali para dividir com alguém. Então, por isso que não dá para ir com nada pronto” (sic). A entrevistada Luíza considera esse ato de escutar e de emprestar seus ouvidos ao outro, para que ele se sinta confortável em dividir suas afetações, como um ato de “dar flores em vida” (sic), ou seja, “mostrar para as pessoas que você se importa, dar atenção, carinho. Isso é dar flores em vida, estranhos mostrando interesse e um abraço. Oferecer um abraço e um ouvido”.

Neste sentido, pode-se confirmar, através dos estudos abordados no referencial teórico e das experiências trazidas por todos os três entrevistados, que o uso do improviso nas interações sociais, ou seja, fazer uso de certas situações e de objetos que estão no ambiente naquele momento, transforma-se em uma ferramenta de grande relevância na atuação dos palhaços, estabelecendo uma conexão com o outro e, conseqüentemente, contribuindo para a criação de vínculo. Assim sendo, foi possível verificar que os entrevistados Augusto, Luíza e Márcia, usam das experiências próprias em palhaçaria, dos seus repertórios pessoais, do olhar atento para com o outro e da improvisação, como as principais atividades de intervenção, pois como aparece nas suas falas, eles nunca sabem o que vão encontrar em cada quarto. Isso pode ser visto na fala de um dos entrevistados:

Nós não temos atividades prontas, o que fazemos é elencar pelo menos cinco possíveis situações difíceis/conflitantes e que necessitam de manejo do palhaço, por exemplo uma criança chorando... então você tem que ter repertório e estar preparado para essas situações, para que nesta hora você saiba o que fazer e leve conforto ao paciente. Então o fato de ter um repertório ajuda a ficar mais calmo nas situações de improviso, desta forma, precisa um treinamento diante de situações, mas o “jogo” em si é o improviso e a carta na manga. (AUGUSTO)

Marcia ainda acrescenta, “dependendo do que a gente vê e o que a gente sente, a gente faz”. Apesar de não serem feitos scripts ou roteiros, dois dos entrevistados (Augusto e Luíza) relatam levar o que chamam de “cinturão do Batman” ou “cinto de utilidades do Batman”, ou

seja, são os objetos levados por eles, como balas, bolinha de sabão, receituário de mentira feitos por eles mesmos, objetos de malabares, bichinhos de balão e entre outros, que são usados nas visitas e que são escolhidos de acordo com as habilidades, gostos e aptidões de cada voluntário, para o uso durante as suas atividades. A entrevistada Márcia tem formação em Pedagogia e experiência com a contação de histórias e fomento à leitura, o que se relaciona, por sua vez, com a sua atuação como voluntária, pois ela faz uso dessas suas habilidades e de seu repertório prévio durante as suas visitas ao hospital; desta forma ela usa dos conhecimentos da sua formação em Pedagogia como uma ferramenta de atuação. Segundo Márcia:

eu sempre levo um livrinho, uma poesia... e tento brincar com isso, eu faço muita brincadeira relacionada aos livros, misturando o que é real e o que não é. Então recito uma poesia de Shakespeare e alguma coisa nada a ver, por exemplo, na vida eu queria ser um boleto, pois o boleto sempre vence. [...] Às vezes levo um livro em branco e falo: me ajuda a ler essa poesia e no final não tem nada e aí eles entram na brincadeira e inventam alguma coisa, então é super divertida essa troca.

Em resumo, o “cinto de utilidades do Batman” é utilizado por dois dos palhaços entrevistados (Augusto e Luíza) em diversos momentos, sejam eles quando surge algo que necessita de um improviso rápido ou como uma estratégia de entretenimento, para divertir, captar atenção e criar vínculos. Dessa forma, não foi possível verificar entre os três entrevistados nenhuma atividade de preparação e de script pré-definido para a intervenção, o que leva a inferir que o improviso é parte importante no processo de atuação, pois segundo a fala deles, não se pode prever o que vai ser encontrado, assim como cada pessoa é única, o improviso proporciona momentos em que para aquela pessoa em específico vai ser algo único, porque foi feito para ela, com as coisas que foram encontradas naquele momento e que ela se mostrou disponível para que fosse feito. Pode-se confirmar isso com a fala de Augusto, quando menciona que “a gente usa muito da escuta ativa. Brinca, faz piada com o que tem no ambiente, então o que aquele ambiente está pedindo, o que está trazendo de elementos para a gente brincar” (sic); como também na fala de Luíza,

se a gente tiver que contar piada, a gente vai contar piada. Se a gente tiver que cantar, a gente vai cantar para aquela pessoa. A gente como palhaço tem N possibilidades [...], a gente têm que ter o cinturão do Batman, várias deixas para gente utilizar, cada hora tira uma coisa do cinturão. Porque a gente não sabe o que vai encontrar, como vai encontrar e o que a gente vai usar. Então o palhaço nos permite e é isso que a gente passa para as outras pessoas quando está atuando (sic).

Pode-se observar, portanto, que a base importante para que o trabalho seja feito de forma genuína e em benefício ao paciente é considerar o contexto e o ambiente, buscando elementos

que estão à sua volta para captar a atenção e criar vínculos, mesmo que rápidos, com as pessoas atendidas. Pois, muitas vezes, a pessoa hospitalizada além de receber os cuidados médicos necessários para o seu tratamento, necessita também ser ouvida e vista como alguém de desejos e vontades. Segundo o entrevistado Augusto,

muitas vezes ele está ali e não tem escolhas, não pode comer a comida que ele quer, não pode fazer algo que ele gosta e não pode dizer não. Não pode dizer não ao médico, não pode dizer não à medicação... Então, estamos ali para ouvir esse não também, entender e proporcionar uma escuta para isso (sic).

E é esse o impacto que a palhaçaria tem para com os pacientes, proporcionar algo diferente da rotina do hospital, conforme Luíza “talvez um riso escondido, uma lágrima que está ali e ela [paciente] não está com forças para chorar na frente de um familiar, pois sabe que o familiar vai chorar junto”; é oferecer um olhar humanizado, pois já existem muitas pessoas que olham para os pacientes apenas enxergando a sua doença e esquecem que por trás do que ele está acometido há um sujeito de desejos, vontades e vivacidade (Augusto e Luíza); também ser uma companhia para alguns, como pode ser visto na fala de Márcia e Luíza, quando dizem que muitas vezes os pacientes estão no hospital sozinhos, sem visitas, sem nenhum familiar para estar ali com eles, principalmente as pessoas em situação de rua. Então, para elas, levar alegria para essas pessoas é algo que elas consideram uma realização.

4.2 A PERCEPÇÃO DOS ENTREVISTADOS ACERCA DO TRABALHO VOLUNTÁRIO

O entrevistado Augusto relembra seu trabalho como palhaço-voluntário, no início de sua atuação, como um ganho; na sua fala ele diz: “com o trabalho voluntário eu recebo em outra moeda. Às vezes é uma realização em chegar em pessoas que muitas vezes não chegaria” (sic) e ainda acrescenta que, no seu caso, o trabalho voluntário proporcionou um ganho de prática e conhecimento, para que ele conseguisse se tornar palhaço profissional, além de “olhar a arte da palhaçaria com seriedade” (sic). Diz ainda ser muito grato, pois “se não tivesse dedicado essas horas a esse lugar, talvez não estivesse no nível de prática, de especialização [que tem hoje]” (sic). O entrevistado em questão, considera o trabalho voluntário algo sério, que precisa de preparo, de conhecimento e estudo. Para o entrevistado, na maioria dos casos há um comprometimento dos voluntários, mas ele diz que em algumas pessoas, quando se tornam voluntários, não há comprometimento e às vezes fazem por fazer, “um voluntário de qualquer jeito” (sic). Augusto ainda acrescenta;

eu desconfio daquela pessoa que diz ‘ah eu quero fazer o bem para o outro’, eu acho que vai muito de um desejo seu. Até porque o voluntariado é algo que vai preencher algo em você. Eu acho que em todas as relações há algum tipo de ganho, as vezes é monetário, as vezes é de amor, as vezes de reconhecimento e as vezes é um ganho de tudo.

Em contraponto à fala de Augusto, Márcia considera o trabalho voluntário por uma outra perspectiva:

Olha se fosse pra fazer isso profissionalmente, eu não faria. Eu acho que... como eu te disse, é o momento que eu tiro para me doar, é o momento de doação. Eu estou doando e ao mesmo tempo estou recebendo. E eu me doo na mesma proporção que eu recebo. Se fosse pra cobrar, eu não faria. Porque é o momento que eu doo meu tempo, doo algo de mim pro outro (sic).

Sandra Caponi (1999), em seu texto intitulado *A lógica da compaixão* aborda a caridade, a piedade e a compaixão como um ganho pessoal, ou seja, uma libertação de sentimentos, ressentimentos e dores que é da própria pessoa, dessa forma ao se doar para o outro e fazer o bem ao outro, o sujeito se considera liberto de padecimentos e medos. E isso vai ao encontro do que o entrevistado Augusto traz em sua fala, pois segundo Caponi (1999), o sujeito ao se voluntariar carrega consigo – de forma consciente ou inconsciente – o desejo do ganho pessoal, moral ou de alguma redenção espiritual; mas, isso não desqualifica o trabalho realizado e nem invalida que o efeito do trabalho seja alcançado por seu público. Ou seja, o trabalho voluntário pode gerar dois benefícios: para aquele que o pratica e para a pessoa atendida. E isso pode ser observado na fala de Márcia, quando relata que passou por uma situação difícil na sua vida pessoal e que a abalou emocionalmente, mas mesmo assim resolveu fazer o seu trabalho como palhaça no hospital naquele dia, pois acreditava que isso lhe faria bem e foi o que aconteceu; segunda ela: “me faz muito bem fazer algo para eles, fazer algo para alguém [...] eu ganho muito, saio muito grata de ter tirado um sorriso de alguém”. Ela diz que a sua atuação neste dia foi a melhor que fez, e que foi super acolhida pelos pacientes no sentido de agradecer o trabalho prestado, elogiando, parabenizando. A fala de Luíza também corrobora essa discussão quando diz: “a maior coisa que a palhaçaria me ensinou é se permitir”.

Além disso, Augusto, com sua fala, promove uma outra reflexão sobre o voluntariado:

às vezes a gente coloca a palhaçaria, aquela palhaçaria do hospital, a voluntária, como algo bonitinho e fofinho, mas não... quanto mais você for o real, o carnal ali, mais identificação você vai ter. A primeira identificação vai ser ‘quem é você? Quem é você que vai me fazer rir?’ (Augusto)

Desta forma, ele considera que a palhaçaria nos hospitais deve ser feita de forma lúdica, mas encarada com seriedade, comprometimento e não algo romantizado, pois a realidade do

hospital pode ser de muita dor e sofrimento, o que pode gerar algumas afetações para quem pratica o voluntariado.

Por fim, cabe destacar, como foi apresentado no capítulo do método, que o entrevistado Augusto não atua mais como palhaço voluntário e atualmente trabalha profissionalmente com a palhaçaria. Desta forma, durante a entrevista foi questionado se ele - a partir da sua ótica e das suas experiências – percebia diferença entre o trabalho voluntário e o trabalho profissional, como palhaço. A resposta foi que, para ele, não há muita diferença entre as duas formas de trabalho, o que ele considera de significativo é a questão temporal e a prática, pois ao longo do tempo foi se especializando. Na época em que foi voluntário não tinha muita experiência e ao longo dos anos foi tendo mais conhecimento e vivências, o que fez se tornar algo profissional. Ele considera que a intencionalidade e o profissionalismo tanto no trabalho voluntário quanto atualmente são os mesmos.

4.3 A MOTIVAÇÃO DOS PALHAÇOS-VOLUNTÁRIOS NO INGRESSO E PERMANÊNCIA EM SUAS ATIVIDADES

Após as entrevistas, foi possível estabelecer algumas categorias de análise, sendo uma delas o *próprio interesse e curiosidade pela arte da palhaçaria* como uma das principais motivações de dois dos entrevistados pela atuação nesta área. Neste sentido, os entrevistados Augusto e Márcia relataram que sempre se interessaram por essa área, tanto pelas brincadeiras quanto por achar um trabalho legal. Márcia diz que sempre teve vontade de atuar como palhaça nos hospitais, mas nunca tinha conhecido alguém que fizesse esse trabalho; então, quando mudou de Estado, matriculou-se em uma palestra que teria na cidade, conheceu a coordenadora de um grupo de voluntários e a partir disso iniciou seus trabalhos como palhaça neste grupo. Já Augusto, começou com teatro no Ensino Médio, mas conforme foi pesquisando sobre teatro e atuação, deparou-se com a arte da palhaçaria. Ele relata que nas suas pesquisas “esbarrou com o material dos Doutores da Alegria” (década de 1990) e em 1999 conheceu uma pessoa que tinha vontade de montar um grupo profissional de palhaçaria e, então, fizeram parceria. Inicialmente os trabalhos eram voluntários, mas hoje ele trabalha profissionalmente com a arte do palhaço.

A motivação relatada por Luíza tem relação com a *família*, ou seja, ela relata que iniciou seu voluntariado devido a doença de seu avô - acometido pelo câncer e que veio a falecer devido às complicações da doença – pois, queria retomar a lembrança que tinha dele através voluntariado no hospital, no qual ele ficou internado. Outro motivo que a fez se voluntariar foi

o incômodo que sentia sempre que visitava seu avô no hospital, pois via alguns pacientes que não recebiam visita e sentia “revolta pela família não ir à visita no horário das visitas” (sic).

4.4 A ARTE DA PALHAÇARIA E SUAS AFETAÇÕES

Para dar vida ao palhaço - seja ele atuando nos hospitais ou em outros espaços - com todo o seu lado cômico e suas trapalhadas, é necessário que alguém, um sujeito com toda a sua subjetividade, sentimentos, afetações e características esteja ali para fazer esse papel. O palhaço de hospital, como visto, tem a função de levar, além da alegria e diversão, uma escuta e um olhar afetuoso para com os pacientes visitados. Mas e as suas próprias afetações? E os seus sentimentos diante de determinadas situações difíceis durante as visitas? Diante de tais questões, buscou-se verificar também através das entrevistas, os efeitos dessa atuação para os próprios palhaços. A primeira categoria é a *satisfação pela contribuição social*, ou seja, como visto na fala de Luíza, o trabalho voluntário feito pelos palhaços nos hospitais proporciona alegria e bem-estar não só nos pacientes, mas contribui na saúde emocional também dos colaboradores dos hospitais, dos acompanhantes e familiares. Augusto, em suas experiências como voluntário, acrescenta:

quando a gente entrava no hospital, a gente não olhava o cargo, olhava a pessoa. As vezes brincava com a profissão, via uma enfermeira e brincava com alguma coisa relacionado à enfermeira, o médico também. [...] O pessoal todo, tiazinha da limpeza, pessoal da cozinha, os próprios parentes que estavam ali, eles interagiam muito bem.

Foi visto, dentre todos os entrevistados, que a satisfação do trabalho como palhaços nos hospitais não está apenas no olhar para com o paciente, mas com todos aqueles que estão dispostos a participar da brincadeira e que estão disponíveis para aquele momento. Mas, não são todos que gostam, que estão em um bom momento ou realmente querem participar. Em todos os seus 22 anos de experiência como palhaço, Augusto fala da sua relação com a equipe do hospital:

A equipe médica foi entendendo o trabalho da palhaçaria no decorrer dos anos. No começo foi tudo muito estranho, tinha médicos que não gostavam pois achavam que estavam tirando sarro da profissão deles. Já outros... E isso vai da pessoa, cada um vai reagir de uma forma. [...] Com uma resposta mais curta, depende muito da pessoa. Uns aceitavam muito bem, outros não. No início alguns médicos não aceitavam tanto ou não ligavam, já o pessoal da enfermagem aceitava mais.

Outra questão relacionada às afetações dos palhaços-voluntários em relação ao trabalho realizado é a *alegria pelas lições e aprendizados* adquiridos com os próprios pacientes. Neste

sentido, Luíza relata a história de uma visita em que uma paciente, diante de um diagnóstico que ela não sabia muito a respeito, aproveitava muito o momento presente:

que lição aquela mulher deixou para mim né. Cara, as vezes eu sofro por antecedência por uma coisa mínima e essa mulher está com um diagnóstico que ela não sabe ainda, pois os médicos estão investigando, mas ela está supernatural. E ela diz que não sabe como vai estar amanhã ou daqui uma semana, mas diz ‘estou viva hoje’. E quando essa mulher diz ‘estou viva hoje’, eu penso ela ‘está em um avanço que eu quero chegar’, a forma que ela lidou com a situação, de ‘estou doente, mas estou viva hoje’. Então, a gente aprende muito com alguns pacientes também. (sic)

Luíza relata que aprende muito com os pacientes, na forma pela qual eles conseguem enfrentar a situação presente com muita força de vontade e que, mesmo não conseguindo modificar o seu diagnóstico, eles conseguem encontrar outras maneiras de lidar e enxergar a situação que estão passando. Ela ainda acrescenta: “a maior coisa que a palhaçaria me ensinou é se permitir. E é isso que as pessoas do hospital me ensinam, se permitir. [...] me ensinam a viver o momento, porque elas não sabem se vão viver no próximo segundo. Elas não sabem o dia de amanhã” (sic).

Outro fator importante que apareceu na fala de um dos entrevistados (Augusto) e que gerou uma das categorias é a *cobrança de si mesmo e insegurança* em relação ao seu trabalho; ele disse que “às vezes essa pressão interna de: você ter que fazer ou ter que se dar bem naquele ambiente [...] eu mesmo já tive que me afastar por questão emocional”.

O *vínculo*, para os três entrevistados, apareceu como algo positivo, pois gera maior aproximação entre o palhaço e o paciente, mas por outro lado pode ser negativo, principalmente em relação a piora destes pacientes, como também lidar com a questão da morte, desta forma, o vínculo para eles (Márcia, Augusto e Luíza) é um fator muito importante, mas que pode interferir negativamente no controle das emoções durante a sua atuação. Neste sentido, Augusto diz: “lidar com a perda é difícil” e relata ainda dificuldade em separar a parte emocional e racional na hora da atuação:

quando o palhaço percebe que não está legal e que o emocional está pegando é hora de parar, se cuidar. Então, é necessário saber se você está bem para fazer esse trabalho; se não está bem, entender por que não está bem, se é algo que tem que resolver; se é algo que tem que dar um tempo. [...] Para alguns, certas alas pode ser algo muito difícil de atuar (sic).

A criação do vínculo, como relatado pelos três entrevistados, pode ser um facilitador como também um dificultador durante a atuação dos palhaços em hospitais. Márcia diz que:

às vezes é muito mais fácil lidar com os pacientes no hospital do que com uma pessoa mais próxima. Porque com as pessoas mais próximas acaba tendo um vínculo, e

quando tem vínculo é muito difícil. Eu acho que consigo ser uma boa palhaça no hospital, mas eu não consigo ser uma palhaça para as pessoas que eu conheço. Então eu acho mais difícil fazer uma visita no hospital para uma pessoa que eu conheço do que atuar como palhaça para pessoas que eu não conheço (sic).

Luíza ainda acrescenta que o vínculo criado com as pessoas hospitalizadas e as pessoas que estão em casas de acolhimento é diferente, “pois muitas vezes no hospital, a visita àquela pessoa se dá apenas uma vez e nunca mais vê. Mas nas casas de acolhimento acaba criando um vínculo maior e a partida acaba sendo mais dolorida” (sic).

A *indiferença*, para Augusto, se mostra como algo muito desconfortável e por vezes vista como uma dificuldade durante as visitas nos hospitais, pois ele diz que “em algumas alas e com alguns profissionais, não dava jogo. Pois, às vezes tem gente que já não gosta [do palhaço], tem médico que não gosta, mas pior que não gostar é a indiferença, pois tem gente que faz isso, olha pra gente e finge que não existe” (sic). Márcia também relata que a relação com a equipe médica pode ser um dificultador, mas percebe que o trabalho da equipe médica é cansativo, desgastante e que muitas vezes é compreensível que alguns profissionais não estejam com vontade de sorrir ou dispostos a participar das brincadeiras. Ela considera que sua maior dificuldade é “ter que aprender a lidar com a questão da sensibilidade, de saber o que fazer com cada paciente, porque não vai funcionar fazer com todos a mesma coisa”. Em outras palavras, Márcia considera difícil lidar com a sensibilidade em perceber, através da escuta e do olhar atento, qual brincadeira, qual piada e qual atitude apresentar diante de diferentes pacientes, pois cada um tem sua particularidade, suas características, seus gostos e o palhaço trabalha com isso, com o que é do outro e com o imprevisto.

4.5 AS ESTRATÉGIAS UTILIZADAS PELOS PALHAÇOS-VOLUNTÁRIOS PARA LIDAR COM OS PRÓPRIOS SENTIMENTOS

Dentre os entrevistados, todos os três relataram fazer ou já ter feito *psicoterapia* em algum momento da sua vida. Márcia relata que já fez terapia durante 6 anos e diz que não está realizando atualmente por conta do tempo, mas que ama e acha necessário. Diz ainda que está em um momento tranquilo e considera que sua terapia são eles [os pacientes]. Já Augusto e Luíza fazem psicoterapia atualmente. Considerando o ambiente no qual eles estão inseridos, nas situações que podem presenciar e nas afetações que podem surgir, a psicoterapia pode ser um aliado para elaborar e/ou evitar o sofrimento psíquico diante desse trabalho.

Sobre a categoria *capacitação da equipe* como uma estratégia de suporte emocional para os voluntários, Luíza relata que o projeto que coordena proporciona suporte psicológico e

preparação emocional para os voluntários e conta atualmente com uma psicóloga e uma terapeuta holística (que também são voluntárias), mas que apenas dão suporte emocional aos voluntários, não fazendo psicoterapia a longo prazo. Nas palavras dela,

às vezes os voluntários precisam apenas colocar pra fora alguma situação. [...] no processo seletivo a gente olha não só pro lado artístico, mas também no lado emocional, então a gente prepara ele, a gente cria todas as hipóteses [...] para que ele saiba lidar com algum tipo de situação. (Luíza)

Além disso, ela conta que eles precisam preencher um formulário depois de toda visita, e que esse formulário é em forma de uma contação de histórias. Essas histórias, são passadas para as psicólogas do projeto, para que elas possam intervir dando suporte emocional.

Luíza ainda considera o *diálogo entre a equipe* e a troca de experiências entre os voluntários um momento muito importante tanto no suporte emocional, quanto para a preparação do trabalho e no fortalecimento dos participantes. No grupo em que coordena, ela conta que há todo mês treinamentos e oficinas, desta forma, além da parte artística, os voluntários têm um momento de troca, de conversa e é um momento no qual eles “colocam pra fora os sentimentos, as emoções, as dúvidas e os momentos difíceis que eles passaram”, para que juntos possam se fortalecer enquanto equipe e aprender uns com os outros.

E antes da visita, segundo ela, “a gente tem um preparo, uma rotina, que a gente chega no hospital, começa a vestir nosso figurino, fazer nossa maquiagem e é o momento em que a gente conversa entre nós, pra gente se fortalecer”.

Durante as *visitas dos palhaços aos hospitais*, Luíza e Márcia contam que para conseguir lidar com as suas próprias emoções e se distanciar dos sentimentos de pena/dó dos pacientes, elas criaram uma espécie de “barreira”. Como pode ser visto na fala de Márcia:

Eu crio uma barreira. Eu acho que para eu conseguir fazer isso [trabalho], eu preciso dessa barreira. E, às vezes, eu acho estranho porque eu olho ali [a situação] e não vejo. [...] Eu não sei se é o termo, mas eu meio que normalizei isso sabe? Para eu conseguir lidar, é como se eu enxergasse, mas não visse, porque quando eu coloco a máscara do palhaço, já não sou mais a Márcia, eu estou indo ali para fazer um trabalho, então eu começo e termino aquele trabalho. Então, isso é muito claro pra mim. Eu coloco até uma barreira no sentido de sentir alguma coisa além.

Mas ela conta que nem sempre foi dessa forma,

para mim foi muito difícil no início, porque eu já estive naquele lugar de paciente. Então, eu via dificuldade porque eu não enxergava o paciente ali, eu enxergava a enfermidade dele. Hoje eu não tenho nenhuma dificuldade [...] porque hoje eu não enxergo mais a enfermidade, eu enxergo a pessoa, a família, ele sendo o amor de alguém. (sic) (Márcia)

Luíza considera que o *conhecimento de si mesmo* e das suas emoções, assim como a reflexão daquilo que lhe afeta é um fator muito importante para este trabalho, para que em situações difíceis o sujeito perceba o que pode lhe desestabilizar emocionalmente. Ela conta que aprendeu a reconhecer o que está sentindo no momento e quando percebe que vai se afetar com alguma situação durante o seu trabalho como palhaça ou que algo pode lhe gerar algum tipo de desconforto, ela se afasta, respira fundo e se concentra. Ela ainda diz que,

é importante que a pessoa se conheça. Se você não dá conta de entrar no quarto, não entra. O primeiro passo é a gente se conhecer e saber o nosso limite. Então, [no hospital] eu esqueço a Luíza e foco na minha palhaça. Mas, eu não posso esquecer que eu ainda sou a Luíza e que se algo acontecer ali, eu preciso lembrar que eu sou um ser humano (sic).

Seguindo este ponto de vista, Márcia relata que foi no momento em que conseguiu mudar seu olhar e entender que só conseguiria fazer um bom trabalho “se enxergasse o ser [o paciente] que estava ali e não a enfermidade dele” (sic).

4.6 O IMPACTO DA PALHAÇARIA NA VIDA E/OU RECUPERAÇÃO DE PACIENTES NA ÓTICA DOS PRÓPRIOS ENTREVISTADOS

Nesta categoria, foi percebido - através dos relatos dos entrevistados - que *proporcionar alegria apesar das circunstâncias* é um dos maiores efeitos que a palhaçaria tem para com os pacientes hospitalizados, pois segundo Luíza o seu trabalho é “lembrar ele [paciente] que apesar das circunstâncias, ela ainda pode sorrir, pode ser feliz” (sic). Neste sentido, ela lembra de um caso de uma menina que estava muito debilitada, mas que a visita deles enquanto palhaços, proporcionou um momento de muita alegria e descontração: “não sei de onde aquela menina tirava forças, mas ela ria muito, ela dava gargalhada” (sic).

Contudo, para que isso aconteça, todos os três entrevistados afirmam que o palhaço durante as suas visitas aos pacientes deve se livrar de todo pensamento e sentimento de dó, pois é necessário viver o momento presente com aquela pessoa atendida e não focar na enfermidade pelo qual ela está naquele ambiente já que, desta forma, o palhaço estaria depositando toda a sua atenção na própria sensibilidade emocional diante da doença e não na “sensibilidade de proporcionar algo diferente para aquele paciente, [...] pois pode ser o último momento que ela pode ter um sorriso diferente” (Luíza). Isso ainda pode ser confirmado com a fala de Augusto: “às vezes as pessoas entram e pensam ‘tadinho’. Mas tadinho nada, tudo o que eles querem naquele momento é menos pessoas tendo pena deles, pois isso não agrega” (sic). O que vai ser benéfico neste sentido, é o paciente se sentir confortável com a presença dos palhaços. Márcia

conta que “às vezes a gente chega cheio de coisa e ele [paciente] só precisa falar. A gente fala que a arte do palhaço é a escutatória e, às vezes, a gente só vai pra fazer uma escutatória”.

Em sua experiência como palhaça voluntária em hospitais públicos, Márcia se deparou com várias pessoas em situação de rua. Ela conta que a maioria desse público não recebe visitas de seus familiares e que a única visita que eles têm são os próprios palhaços voluntários. Para ela: “Então, ele está ali louco para falar, para conversar. Ele não está ali para escutar, ele está ali para dividir com alguém” (sic).

Proporcionar ao paciente a *aceitação da doença* e a *diminuição do medo/insegurança* em relação à doença é, para os entrevistados, um dos benefícios da sua atuação. Luíza contribui afirmando:

quando a gente entra como palhaço, não é que a gente vai fazer a pessoa esquecer do problema dela, não vai fazer a pessoa esquecer da dor dela, mas naquele curto período que a gente fica ali, a gente pode proporcionar através da arte do palhaço, uma alegria diferente. [...] é isso que a gente tenta levar, não só alegria, talvez um conforto, porque as pessoas precisam falar e elas não têm pra quem falar. Então eu sempre falo, a gente tem que estar presente com os nossos olhos, nossos ouvidos, nossos braços... estar atento o tempo inteiro. Porque se a gente tiver que entrar no quarto e só ouvir, a gente vai só ouvir.

E Augusto acrescenta: “quando a gente entra no quarto, a gente traz vida pra conversar, não só morte, mas se for para conversar da morte, vai conversar como ela é, não um monstro maior do é, mas também não precisa renegar isso ou não pensar nisso”.

4.7 A RELAÇÃO DOS ENTREVISTADOS COM O AVANÇO DA DOENÇA E A MORTE DE PACIENTES

De acordo com Kastenbaum (1983), existem diversas situações e diversos contextos nos quais fazem as pessoas sentirem medo da morte, pois não é sentido esse medo à toa, seja ele pela possibilidade real da morte ou previsibilidade da morte, ou seja, sua antecipação. Neste sentido, cada pessoa encara esse momento de uma forma diferente; Luíza, por exemplo, diz que “a morte é a única certeza que a gente tem, a gente já nasceu sabendo que a gente vai morrer [...], mas eu olhava a morte como algo muito ruim, mas é uma coisa que ninguém vai escapar”. Ela relata que depois que começou a trabalhar com a arte da palhaçaria passou a enxergar a morte de um jeito diferente, pois antes não aceitava a morte do avô e,

nessa situação o ser humano é muito egoísta, porque eu queria meu avô vivo a qualquer custo, não importava se ele estava sofrendo, eu queria ele vivo, porque meu egoísmo queria ele vivo. E hoje quando uma pessoa está sofrendo assim, eu entendo quando a pessoa diz que quer partir, porque a dor não está comigo, a dor está com ela. São eles que estão sentindo a dor. (Luíza)

Márcia diz que a morte é algo que não é fácil e que já esteve nesse “fiozinho de finitude” (sic) quando esteve com câncer, sendo este momento para ela o momento mais difícil da sua vida. Em contrapartida, ela traz outra percepção sobre a morte:

Que engraçado...você me perguntando sobre isso [morte], eu não consigo enxergar isso no hospital, eu sei que lá acontece muito, mas como eu te disse, como eu não vejo enfermidade, talvez eu não veja morte. [...] Eu não estou ali como a Luíza, eu estou ali como a Kess e a Kess não vê a morte, não vê a doença, ela só vê o serzinho ali que está recebendo o cuidado.

Augusto relata que a morte o faz sentir muito a tristeza e a falta, principalmente em relação aos pacientes com os quais tem um vínculo maior, mas acredita que a morte é algo natural e que não deve ser renegada; pelo contrário, deve ser pensada, encarada e falada da forma como ela é.

Contudo, pode-se perceber que a relação que os entrevistados tem com a morte é reflexo das estratégias criadas por eles mesmos para se distanciar afetivamente daquilo que pode gerar algum tipo de sofrimento a eles durante o exercício da sua função.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A título de conclusão, considera-se que os objetivos desta pesquisa foram alcançados. Desta forma, foi possível concluir, através dos relatos dos três entrevistados, que a palhaçaria é para eles uma atividade que proporciona alívio e bem-estar ao outro através da escuta atenta e do olhar humanizado às pessoas atendidas nos hospitais, focando no sujeito que está presente, nas suas potencialidades e não na sua enfermidade, proporcionando algo diferente da rotina do hospital. A escuta, para essa prática, acontece a partir da experimentação e do contato com o outro; de ter sensibilidade em ouvir o que realmente o paciente quer dizer e proporcionar a ele esse espaço acolhedor em que se pode dizer tudo aquilo que tem vontade e brincar, se permitindo estar em uma posição engraçada e de descontração. Guardadas as configurações, os objetivos, os métodos e técnicas, pode-se dizer que a Psicologia se assemelha, em alguma medida, a essa prática da palhaçaria, no sentido de proporcionar alívio e bem-estar ao paciente através da escuta atenta e do entendimento de que o sujeito, apesar da sua enfermidade, tem seus desejos, gostos, amores e dores, que também precisam ser ouvidos, além disso é através desse ato de doação ao outro que os palhaços proporcionam aos pacientes um significado e esperança durante a recuperação.

Para tanto, o improviso e a criatividade durante as visitas aos hospitais mostram-se como a base importante da atuação da palhaçaria, sendo estas um instrumento de atuação utilizado pelos palhaços para alcançar os objetivos que foram citados no parágrafo anterior, pois é através do cenário que se encontra no momento da visita e da conexão do palhaço com o momento presente que a brincadeira e a interação são feitas, possibilitando assim, uma maior aproximação entre os pacientes, acompanhantes, equipe médica e os palhaços. Observou-se ainda nessa pesquisa que a arte do improviso possibilita ao palhaço captar aquilo que o ambiente e o paciente deixam transparecer e usar do que estiver ao seu alcance para gerar risos e descontração.

Também foi possível constatar nos casos investigados que o vínculo com os pacientes pode ser tanto um facilitador como também um dificultador para os próprios palhaços durante a sua atuação, pois além de ser algo importante para a criação de laços e, conseqüentemente, uma aproximação maior com os pacientes, o vínculo e o apego afetivo podem desencadear tristeza quando vem a notícia de uma possível piora ou morte desses pacientes. É por esse motivo que os entrevistados relatam a necessidade de criarem “barreiras” para não se afetarem com situações difíceis durante a sua atuação. Portanto, embora os resultados mostrem que o trabalho dos palhaços voluntários nos hospitais não gera, para estes entrevistados, um sofrimento psíquico grave, sugere-se que novas pesquisas abordem a prevenção e o suporte psicológico para esse público, como um tema relevante a ser discutido, tendo em vista que as constatações desta pesquisa indicam que os palhaços usam de estratégias para se distanciar afetivamente de possíveis situações geradoras de sofrimento. E é por este motivo que a relação que eles têm com a morte foi sendo elaborada ao longo das suas experiências como algo natural do ser humano e que deve ser enfrentada da melhor forma possível, tanto para os próprios palhaços quanto para os pacientes.

Sugere-se também que futuras pesquisas ampliem o número de entrevistados, a fim de obter uma maior compreensão acerca do trabalho dos palhaços, assim como obter um maior conhecimento das práticas e experiências de palhaços nos hospitais em diferentes regiões do país, a fim de proporcionar mais conhecimento sobre essa área de atuação tanto para a própria classe artística, como para pessoas leigas no assunto, equipe médica e ambiente acadêmico. No âmbito dessas pesquisas sugeridas, um recorte de público que seria importante e interessante de se pesquisar, relacionando-o com a arte da palhaçaria, é o público infantil. A criança faz muito uso da brincadeira, do desenho e do jogo, por exemplo, como forma de expressão, ou seja, é uma das maneiras com que ela consegue materializar seus conflitos. Sendo assim, a

palhaçaria mostra-se no atual cenário como um facilitador nesse processo, pois além de gerar descontração em um ambiente desconhecido possibilita a criança a se expressar; desta forma, gerar mais conhecimento e percepções sobre esse público faz-se importante.

Dentre as dificuldades encontradas nesta pesquisa, cabe enfatizar a dificuldade em recrutar voluntários que estivessem dispostos e disponíveis para realizar as entrevistas, no prazo estabelecido para a realização deste estudo. Muitos foram contatados, mas não tiveram interesse e/ou disponibilidade em participar da pesquisa. Dessa forma, com vistas a viabilizar a presente pesquisa, ampliou-se o público-alvo - que antes era apenas palhaços que estivessem trabalhando atualmente como voluntários - para aqueles que já atuaram como voluntários em algum momento, sendo considerados assim o conhecimento e a experiência já adquiridos no voluntariado como base importante deste estudo.

Espera-se que o presente estudo tenha contribuído com novos conhecimentos no meio acadêmico e científico, permitindo novos compreensões sobre o tema, ainda pouco estudado, e podendo colaborar e/ou trazer novas perspectivas em relação às produções já existentes sobre o tema proposto, facilitando a correlação de estudos e a confrontação de ideias sobre o uso da palhaçoterapia como prática integrativa e alternativa no tratamento de pacientes internados nos hospitais do Brasil.

REFERÊNCIAS

ADAMS, Patch. Patch Adams. THE GESUNDHEIT! INSTITUTE Foundes by Patch Adams MD. [S. I.]. Disponível em: <https://www.patchadams.org/patch-adams/>. Acesso em: 23 mai. 2022.

ANTONELI, Ana Júlia Moraes Fleury; FERREIRA, Rafaela Marchini; MARTINS, Vanessa Alves; XAVIER, Vitória Emídio. **Influência de palhaços de hospital em crianças submetidas a tratamento oncológico**. Orientador: a Prof^a. Dra. Léa Resende Moura, coorientador Prof^a. Msc. Marluce Martins Machado da Silveira. 2019. Trabalho de curso em iniciação científica (Graduação) - Curso de Medicina, Centro Universitário de Anápolis, UniEvangélica, Goiás, 2019. Disponível em: <http://repositorio.aee.edu.br/bitstream/aee/8275/1/7%20TC%2020192.pdf>. acesso em: 8 jun. 2022.

ARAÚJO, Tereza Cristina Cavalcanti Ferreira de; GUIMARÃES, Tathiane Barbosa. Interações entre voluntários e usuários em oncohematologia pediátrica: um estudo sobre os "palhaços-doutores". **Estudos e pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro: UERJ, ed. 9, n. 3, p. 632-647, Semanal, 2009. Disponível em: Mariana Leon. Acesso em: 30 mar. 2022.

BERNAL, Anastasio Ovejero. *Psicologia do trabalho em um mundo globalizado: como enfrentar o assédio psicológico e o estresse no trabalho*. Porto Alegre: Armed, 2010.

CAIRES, Susana; ESTEVES, Carla Hiolanda; CORRREIA, Susana; ALMEIDA, Isabel. Palhaços de hospital como estratégia de amenização da experiência de hospitalização infantil. **Psico-USF** [online]. 2014, v. 19, n. 3 [Acessado 18 Maio 2022], pp. 377-386. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-82712014019003001> . Epub 09 Jan 2015. ISSN 2175-3563. <https://doi.org/10.1590/1413-82712014019003001>.

CAPONI, Sandra. A lógica da compaixão. **Trans/Form/Ação**, São Paulo, 21/22: 91-117, 1998/1999. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/trans/a/LFShcgTmqGxpt5mLFX9ndLh/?lang=pt&format=pdf>

CATAPAN, Soraia de Camargo; OLIVEIRA, Walter Ferreira de; ROTTA, Tatiana Marcela. Palhaçoterapia em ambiente hospitalar: uma revisão de literatura. **Ciência & Saúde Coletiva [online]**. 2019, v. 24, n. 9 [Acessado 4 Maio 2022] , pp. 3417-3429. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232018249.22832017> . Epub 09 Set 2019. ISSN 1678-4561. <https://doi.org/10.1590/1413-81232018249.22832017> .

CASSEF, Gabriela. Foi aqui, em São Paulo, que tudo começou... *In: Doutores da Alegria. [S.l.]*. 24 jan. 2017. Disponível em: <https://doutoresdaalegria.org.br/blog/foi-aqui-em-sao-paulo-que-tudo-comecou/> Acesso em: 23 mai. 2022.

DOUTORES DA ALEGRIA. Wellington Nogueira bate um papo sobre a história do Doutores da Alegria. *In: Doutores da Alegria. [S.l.]*. 23 ago. 2019. Disponível em: <https://doutoresdaalegria.org.br/blog/wellington-nogueira-bate-um-papo-sobre-a-historia-do-doutores-da-alegria/> Acesso em: 14 abr. 2022.

FERNANDES, Armando; REIS MOURAO, Paulo. Para uma abordagemista do voluntário: o caso do voluntário da Cruz Vermelha portuguesa. **Inovar**, Bogotá, v. 22, n. 43, pág. 45-54, janeiro de 2012. Disponível em http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0121-50512012000100005&lng=en&nrm=iso . acesso em 06 de junho de 2022.

KASTENBAUM, Robert – *Psicologia da morte* / Robert Kastenbaum, Ruth Aisenberg; tradução de Adelaide Petters Lessa. – Ed. concisa. – São Paulo : Pioneira : Ed. da Universidade de São Paulo, 1983.

LEÓN, Mariana. **Riso: profissão ou brincadeira? A essência do trabalho de palhaços em hospitais**. São José dos Campos: UNIVAP, 2005.

MENEZES, Catarina Nívea Bezerra et al. Câncer infantil: organização familiar e doença. **Rev. Mal-Estar Subj.**, Fortaleza, v. 7, n. 1, p. 191-210, mar. 2007. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482007000100011&lng=pt&nrm=iso . acessos em 08 jun. 2022.

MONIZ, André Luís Ferreira; ARAÚJO, Tereza Cristina Cavalcanti Ferreira de. Trabalho voluntário em saúde: autopercepção, estresse e burnout. **Interação em Psicologia**, Curitiba,

jul./dez. 2006, (10)2, p. 225-243. Disponível em:
<https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/7680>. Acesso em: 14 abr. 2022.

OLIVEIRA, Vanessa Souza Eletherio de. A Psicologia (no contexto) Hospitalar segundo o Conselho Federal de Psicologia e a literatura atual. *Psicologia no Contexto Hospitalar*. Revista Revise, 2011. vol. 2, p.1-15.

SILVA, Maria Rosa da et al. Comportamentos construídos e disseminados no palhaço de hospital. **Ciência & Saúde Coletiva**, 27(6):2449-2458, 2022

SOUZA, Luccas Melo de. LAUTERT, Liana Trabalho voluntário: uma alternativa para a promoção da saúde de idosos. **Revista da Escola de Enfermagem da USP [online]**. 2008, v. 42, n. 2 [Acessado 11 Maio 2022], pp. 371-376. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0080-62342008000200022>>. Epub 14 Jul 2008. ISSN 1980-220X. <https://doi.org/10.1590/S0080-62342008000200022>.

TESTON, Elen Ferraz et al. Feelings and difficulties experienced by cancer patients along the diagnostic and therapeutic itineraries. *Escola Anna Nery [online]*. 2018, v. 22, n. 4 [Acessado 10 Abril 2022], e20180017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2018-0017> . Epub 27 Ago 2018. ISSN 2177-9465. <https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2018-0017>.